

Profª Raquel Santos Zandonadi

Escola Municipal Sebastião Tavares de Oliveira - Praia Grande/SP

Título

Minhas memórias: o embate de vozes na construção da identidade de alunos-sujeitos

Resumo

O projeto Minhas memórias: o embate de vozes na construção da identidade de alunos-sujeitos, desenvolvido no oitavo ano, consiste na escrita de um livro de memórias durante o ano letivo nas aulas de Língua Portuguesa. Tem por objetivos não apenas contribuir para o desenvolvimento de habilidades escritoras nos alunos, como também valorizar seus saberes, suas identidades e suas famílias, por meio de suas histórias de vida, já que se parte da ideia de que os alunos, para produzirem melhores textos, precisam ser sujeitos discursivos e não apenas alunos. E levá-los a essa percepção demanda entendermos e valorizarmos quem são, de onde vêm, com quem vivem e que vozes reverberam de seus discursos. Para isso, foi proposta aos alunos a criação de um livro de memórias em oito capítulos, todos com temáticas que envolvem suas percepções de si mesmos, o envolvimento de seus familiares e a comunidade em que vivem. Além da escrita dos textos, envolveu leituras de autores consagrados, fruição e análise de filmes e música; e estudos estruturais da língua que emergiram das dificuldades dos alunos. Os capítulos são autobiografias, porém foram incluídos os gêneros entrevista, receita, instrução e poema, além de fotos, mapas, desenhos e notas explicativas.

Planejamento

Desde que iniciei minha carreira docente, sempre tive em mente que para desenvolver a proficiência da língua em meus alunos, deveria imergi-los em práticas de leitura e escrita. Até mesmo a minha experiência como estudante me mostrava que se aprende a escrever, escrevendo. E dessa constatação, surgiu o primeiro desafio: como inserir os alunos em práticas de escrita que não fossem aqueles simulacros propostos pelos materiais didáticos? Já nos primeiros anos como professora, sentia que para inserir meus alunos nessas práticas reais, precisaria envolvê-los, isto é, eles precisariam, necessariamente, querer escrever e gostar do que estavam escrevendo. Para isso eu não poderia impor a eles muitas barreiras para a escrita, seja no tema, seja na forma. Também não poderia vê-los meramente como alunos, mas sim como sujeitos, que têm desejos, vontades, preferências e histórias, que carregam aspectos de suas famílias, lugares onde vivem, gênero, classe social, comunidade, isto é, suas histórias carregam suas identidades. E valorizar suas identidades, quem são, de onde são, onde e com quem vivem, é valorizar os sujeitos. A escolha pela autobiografia surgiu dessas reflexões.

A partir dessa escolha e dessas reflexões, decidi construir um projeto pensando na identidade dos alunos, entendida como a soma de experiências, contextos, vozes e ideologias. Nesse sentido, os discursos proferidos pelos alunos estariam carregados de outras vozes além das deles e esse embate deveria aparecer. O intento foi fazer valer o processo dialógico, assumindo sob essa condição que o surgimento de tensionamentos nos discursos seria inerente a eles, qual seja, a arena de conflitos dialógicos e ideológicos iria se configurar como parte natural do processo (Bakhtin).

Diante dessas reflexões, pensei que os alunos poderiam escrever não apenas uma autobiografia, mas um livro de memórias que seria construído no decorrer do ano letivo e nele estariam presentes vários

gêneros, várias vozes, toda uma comunidade. Parti para a sistematização. O livro foi organizado em oito capítulos, dos quais o primeiro seria para averiguar o nível de proficiência escritora dos alunos, a fim de selecionar os conteúdos metalinguísticos referentes à estrutura da língua, como regras gramaticais que seria necessário explorar no decorrer do projeto, embora acredite que é no processo que as dificuldades dos alunos aparecerão com mais consistência. Por esse motivo, é comum eu inserir explicações gramaticais fora do planejado.

Inicialmente defini os temas de cada um dos capítulos e previ que seriam permeados por textos de memórias de escritores consagrados, músicas, filmes e por contação de histórias feitas oralmente, tanto por mim, quanto por eles, já que muitas de nossas heranças valorativas e culturais se davam por meio das histórias e, inclusive, há muitos povos que norteiam suas condutas, seus valores, seus modos de pensar, a partir das histórias ouvidas de seus ascendentes. Nesse sentido, esse projeto auxilia no resgate desta tradição muitas vezes esquecida nos dias atuais. Além disso, se minha concepção de linguagem é dialógica, preciso construir junto às turmas, tanto entre alunos/professora, como entre aluno/aluno e aluno/comunidade, afinidades e empatia. E nada melhor do que contar histórias de vida para criar essa atmosfera.

Minha meta principal foi criar um ambiente real de prática de escrita e, assim, favorecer que os alunos se sentissem sujeitos, produzindo como sujeitos e não como alunos cumprindo uma lição de casa. Cumprida essa meta, eu acreditava que seria mais fácil colaborar para que os alunos desenvolvessem habilidades escritoras, como desenvolver o texto, de acordo com as determinações temáticas e situacionais da proposta; mobilizar, no texto produzido, os conhecimentos relativos aos elementos organizacionais do gênero; organizar o texto de forma lógica e produtiva, demonstrando conhecimento dos mecanismos linguísticos e textuais necessários para sua construção; aplicar as convenções e normas do sistema da escrita (Saresp). Também, não menos importante, tive como meta a valorização das histórias desses sujeitos e suas comunidades; e propiciar um processo de aproximação entre escola e comunidade; contribuir para a construção da identidade dos alunos e para a percepção de si mesmos como seres históricos, cujas experiências e saberes têm valor; dar aos alunos suporte para que conheçam a história de sua comunidade, recuperem suas histórias de vida e de suas famílias; colaborar para que possam ler o mundo em que vivem, conhecendo a história e o espaço não como uma realidade dada, mas como realidades construídas pelas pessoas com quem convivem.

Pela experiência com o projeto em anos anteriores, também sabia que o fato do produto final (o livro) ser impresso ajudaria os alunos a valorizá-lo. Em plena era digital, escrever um livro manuscrito seria enfadonho demais para jovens que nasceram com os dedos mais voltados para o teclado do que para a caneta. Esse foi um dos desafios. Naquele ano nossa escola estava sem sala de informática e tínhamos apenas tablets, que não favoreceriam o trabalho com a escrita. Comecei a batalha para o pedido na Secretaria de Educação, já sabendo que se trata de uma prefeitura que incentiva o uso das tecnologias e que em muitas escolas há o acesso a elas. Para abreviar a história, a direção da escola, parceira da ideia, conseguiu que a secretaria trocasse nossos tablets por netbooks. Alunos e eu comemoramos. Nesse momento eles já estavam envolvidos no projeto e já haviam feito a escrita do primeiro capítulo no papel!

Diagnóstico

Praia Grande, município da região da baixada santista, no estado de São Paulo, tem em sua população cerca de 304.705 pessoas. Até o início da década de 1990, a maior parte dos habitantes morava junto à praia. Contudo, o boom da construção civil na década de 90 atraiu milhares de famílias para o município

em busca dos empregos oferecidos pelas empreiteiras e construtoras, ocasionando um aumento excessivo da população nas regiões mais próximas ao morro e ao mangue, regiões essas popularmente chamadas de terceira zona. Hoje esses bairros já estão em via de urbanização, com escolas, creches, transporte público e pavimentação em grande parte de suas ruas.

A prefeitura administra 71 escolas de ensino fundamental I e II, construídas dentro de um padrão estrutural, possuindo lousa digital em todas as salas, parte delas com acesso restrito à internet. Algumas escolas possuem sala de informática, outras um kit de tablets, outras um kit de netbooks. No que diz respeito às diretrizes educacionais da rede municipal, elas não diferem daquelas instituídas no estado de São Paulo quanto ao conteúdo, estipulam um currículo comum para todas as escolas. No mais, os professores têm liberdade de trabalhar os conteúdos da maneira que acharem melhor, desde que cumprido o programa.

A escola Sebastião, onde apliquei esse projeto, possui ensino fundamental I e II e conta com 1.296 alunos. Foi fundada em 2009 e fica localizada na 3ª zona de Praia Grande. 90% do bairro é residencial e os outros 10% são ocupados pelo comércio, em sua grande maioria, pertencente aos próprios moradores. A maioria das ruas é asfaltada e conta com rede de esgoto e saneamento, ainda que haja algumas de terra, já que o bairro cresce constantemente e novas áreas próximas ao mangue são invadidas. Existem dois canais de esgoto abertos no bairro e muitas casas de madeira. Ou seja, algumas das famílias dos alunos da escola vivem em condições precárias de moradia.

Os alunos que participaram do projeto estavam no 8º ano e a grande maioria já estudava na escola desde o ensino fundamental I. Além disso, foram meus alunos no 7º ano. Nesse sentido, a aplicação do projeto no início do ano letivo teve menos entraves, já que parte dos interesses, dificuldades e limitações das turmas, já eram conhecidos por mim. As famílias dos alunos moram nos bairros situados aos arredores da escola, Jardim Quietude e Caieiras, e trabalham no comércio formal e informal da cidade. A situação econômica, portanto, é baixa, mas a maioria das famílias é assalariada. Por isso, 91% dos nossos sujeitos de pesquisa têm acesso à internet.

Apesar desse bom acesso à tecnologia, a maior queixa dos professores da escola, tanto os professores do fundamental I, quanto do fundamental II, é a falta de interesse na participação das atividades escolares e a falta de estudos complementares em casa. Isto é, a maioria dos nossos alunos não realizam lições e trabalhos em casa e os pais pouco acompanham esses afazeres. Foi pensando também nesse perfil que pensei em trabalhar a partir daquilo que gostam e envolver também suas famílias no processo de construção dos textos e, quem sabe assim, incentivá-los na participação escolar.

Importante relatar que esse projeto inicialmente foi pensado para ser aplicado no sexto ano, e o fiz durante dez anos. O primeiro capítulo, intitulado “quem sou”, seria também uma forma de acolhida e apresentação da turma. No entanto, a experiência que ora apresento foi realizada com alunos do 8º ano, os quais já haviam tido aulas comigo no sétimo ano. Nesse sentido, eu já conhecia parte de suas deficiências e necessidades, inclusive foi desse conhecimento que decidi aplicar esse projeto com essas turmas. Sentia que essas turmas tinham uma resistência para a escrita e um desinteresse por essas aulas, as quais eram permeadas pelo coro: “Ah, não, professoraaaaa!” Além de estarem em uma idade que propiciava uma baixa autoestima. Valorizar suas histórias de vida poderia ajudá-los também nesse sentido.

Embora eu já tivesse conhecimento sobre as dificuldades desses alunos, a primeira produção do projeto, o capítulo 1, “quem sou”, serviu-me de aporte para diagnosticar as principais deficiências de escrita dos alunos. Com esse primeiro texto, defini conteúdos metalinguísticos importantes e comuns a todos e especifiquei dificuldades individuais. As turmas eram bastante heterogêneas e eu tinha desde alunos que não organizavam os parágrafos e não diferenciavam o uso de letras maiúsculas e minúsculas, como aqueles cujas contribuições se dariam apenas para que atingisse uma maturidade da escrita. Organizei uma tabela com os nomes dos alunos e as habilidades que cada um precisaria atingir. Esse documento me ajudou na organização das orientações individuais que fiz durante o processo de escrita. Essa etapa durou em torno de seis aulas, no entanto, minhas orientações se deram até o final da aplicação do projeto.

Desenvolvimento

Com a chegada dos netbooks à escola, a escrita da maioria dos capítulos se deu diretamente na máquina. Os únicos que eu pedi para entregarem no papel foram o primeiro e o quarto. O primeiro, pela necessidade de fazer uma avaliação prévia, o segundo para avaliar o processo e por se tratar de uma temática mais densa que demandava mais cuidado na organização textual. Apresentarei como se deu o desenvolvimento das atividades por capítulos.

Capítulo 1: Quem sou

- Passo 1: Comecei o trabalho para esse capítulo com a leitura e interpretação de textos autobiográficos que abordam apresentação pessoal (história do nome, características, manias, gostos etc.).

Textos de apoio: Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis; Apanhador no campo de centeio, de J.D. Salinger; Anarquistas graças a Deus, de Zélia Gattai; Transplante de menina, de Tatiana Belinky; Identidade, de Pedro Bandeira; Retrato, de Cecília Meireles. Obs.: O trabalho com a interpretação do poema Retrato também rendeu uma avaliação diagnóstica sobre interpretação de textos, embora ela não se relacione diretamente com o projeto em questão.

- Passo 2: Introduzi a aula com uma dinâmica. Pedi que pegassem uma folha do caderno e respondessem em forma de mini texto à pergunta: Quem eu penso que sou? Depois pedi que se sentassem em grupos de quatro, fiz algumas mudanças nos grupos que montaram no intuito de enriquecer as discussões posteriores e, sem que os colegas do grupo vissem tanto o texto que acabaram de escrever, quanto o próximo, os instruí a responder, sobre cada um dos três colegas do grupo, a pergunta: O que eu acho do(a)? Em seguida, ainda sem que os colegas vissem, uma nova pergunta: O que eu acho que o(a) pensa de mim? Terminadas as três etapas, pedi que escolhessem quem começaria e, entre o grupo, expusessem o que escreveram, seguindo a seguinte ordem: o aluno da vez leria o seu texto “quem eu penso que sou” e cada colega leria o que escreveu sobre ele no texto “o que eu penso do(a)....?”, e o aluno da vez leria o que escreveu no “o que eu acho que o(a).... pensa sobre mim?”. E assim sucessivamente. Nesse diálogo, a proposta era haver embate de ideias. Terminado o debate entre os grupos, pedi que fizessem, oralmente, um mini relato da experiência com a atividade, se o que pensam sobre si correspondia ao que os colegas disseram, e se passavam a imagem que queriam aos outros. Essa atividade rendeu muitas reflexões sobre a construção de nossa personalidade, sobre as lacunas de percepção entre a imagem que temos de nós mesmos e a que os outros têm de nós. Percebi que alguns alunos se sentiram chateados por perceberem que não eram vistos como desejavam pelos colegas, e outros, pelo contrário, tinham uma percepção de si muito pessimista e se surpreenderam pelo quanto

são bem quistos. Terminadas as discussões, pedi que escrevessem um texto com o tema: Quem eu realmente sou, o qual deveria conter questões relativas à imagem e percepção individual de cada um.

- Passo 3: Apresentação oral pessoal do educador: momentos em que eu conto sobre minhas percepções de mim mesma, falando do que gosto e não gosto, coisas que faço e não faço; senti que os alunos criaram uma empatia por mim. Nesses momentos percebo que quanto mais humanos os alunos nos veem, mais afinidades são criadas. Apresentação pessoal oral de alguns alunos: deixei livre para aqueles que quiseram fazer essa apresentação oral para a turma. Antes orientei brevemente que, quando nos expomos oralmente, nosso tom de voz, postura e gestos, colaboram para a construção de sentido.

- Passo 4: Pedi que fizessem uma pesquisa em casa: quem escolheu meu nome e por quê? Qual o significado do meu nome? O intuito aqui foi fazer com que as histórias familiares aparecessem desde o início. Muitos alunos se surpreenderam com as histórias contadas pelos familiares. Já aqui percebi como a tradição oral da contação de histórias está pouco presente no convívio familiar. Foram poucos os alunos que já sabiam das histórias de seus nomes. Também houve alguns cujos pais não conseguiram formular o motivo da escolha e seus filhos chegaram com respostas superficiais do tipo porque eu achei bonito. Nesse momento tentei colaborar para que os alunos ampliassem o tema com outras perguntas aos familiares: sua mãe ou pai pediu opinião para alguém a respeito dessa escolha? Houve outros nomes na lista de preferência?

- Passo 5: Produção do rascunho no caderno e entrega à professora. Orientei-os a colocarem toda a discussão e pesquisa feita nas últimas aulas no texto. Como ainda estávamos sem o computador e eu precisava fazer a avaliação diagnóstica, essa produção foi feita no caderno e passaram a limpo para me entregar.

Capítulo 2: Meu nascimento

- Passo 1: Relato do educador sobre o dia de seu nascimento. Aqui minhas histórias serviram de disparador do tema.

- Passo 2: Pesquisa para casa com a família sobre o dia do nascimento (como foi, o que sua mãe sentiu, como foram os momentos anteriores ao parto e os logo após, com o bebê); pesquisa na certidão de nascimento sobre dados que possam enriquecer o texto; pesquisa na internet sobre fatos marcantes ocorridos no Brasil ou no mundo no dia do seu nascimento; e seleção de um objeto (roupa, foto, brinquedo etc.) que representasse esse momento.

- Passo 3: Exposição dos objetos trazidos pelos alunos e exposição oral das histórias. Mais uma vez, percebi a falta da tradição de contar histórias das famílias. Alguns alunos chegaram bem entusiasmados com as histórias que haviam descoberto.

- Passo 4: Produção escrita. Orientei que os textos deveriam representar a história individual de cada um, por isso cada texto seria único.

Capítulo 3: Minha infância

- Passo 1: Relato oral do educador (travessuras, brincadeiras, cicatrizes, amigos, lugares etc.). Esse é um dos grandes momentos do projeto, pois falar da infância é falar de ludicidade e, para mim em particular, são as melhores histórias para se contar. A contação das minhas histórias de infância durou duas horas, principalmente porque os alunos também sentiram necessidade de compartilhar as suas. Ilustrei as

minhas histórias com desenhos na lousa enquanto contava. Isso serviu para que eu os estimulasse a também ilustrar esse capítulo com desenhos quando fossem impressos. No meu planejamento inicial, tinha pensado em separar uma aula para os relatos dos alunos, no entanto, os mais empolgados com o tema já o fizeram em diálogo com o meu. Outro aspecto desse capítulo é que os instruí a fazer um texto multimodal, incluindo descrição dos lugares e instruções das brincadeiras preferidas.

- Passo 2: Conversa com familiares a respeito da infância.

- Passo 3: Produção textual (agora feita diretamente no netbook).

Dois fatos importantes a relatar nesse momento. Primeiro que me surpreendi com o fato de muitos alunos não terem memórias sobre o período da infância. Uma parte considerável deles relatou ter passado a infância dentro de casa, onde, no máximo, jogavam vídeo game (alguns). Praia Grande é uma cidade violenta e os pais não se sentem seguros em deixarem seus filhos brincarem na rua. Então a maioria não tem essa vivência. Os pais da maioria também são trabalhadores e essas crianças acabavam ficando em casa sozinhas. Causou-me estranheza ver que, mesmo morando no litoral, suas lembranças de brincadeiras na praia eram escassas. Por conta disso, senti que uma parcela dos alunos se sentiu desmotivada para escrever esse texto. Muitos diziam não ter o que contar. Nesse momento expliquei que a não vivência também poderia gerar histórias. O não também faz parte da vida. Estimulei-os a refletir sobre os momentos em que ficavam o dia inteiro dentro de casa, a descrever essa casa, a falar o que sentiam e o que sentem hoje tendo essas lembranças. Senti a necessidade de acrescentar mais um passo antes da escrita. Obs.: Para o próximo ano pensei em acrescentar ao projeto uma parceria com o professor de Educação Física, a fim de pensarmos em uma vivência de brincadeiras de rua.

- Passo 4: Leitura e interpretação dos textos: Um cinturão, de Graciliano Ramos; e Tchou, de Lygia Bojunga. Escolhi esses textos para que refletissem sobre o fato de que a vida não é feita apenas de histórias felizes e elas colaboram para construir nossa identidade.

Também usei as ideias apresentadas nesse site para mostrar a eles que coisas pequenas também podem virar grandes histórias: https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/historias-deinfancia?utm_term=.kno2OXEXZD#.qhZNO4L4br

Fiz algumas indicações de leitura para aqueles que precisavam de inspiração: <https://observador.pt/2015/11/12/as-tristes-historias-reais-inspiraram-grandes-contos-infantis/>

Obs.: Nesse momento trabalhei com os alunos algumas atividades disponibilizadas pelo concurso “Escrevendo o futuro”, que tratam do gênero memórias literárias. Também expliquei a respeito de algumas figuras de linguagem e usamos os exercícios disponibilizados no livro didático como suporte.

Capítulo 4: Origem da minha família

Para esse capítulo, propus aos alunos que fizessem uma entrevista com os familiares.

- Passo 1: Leitura e análise da entrevista com Daniel Radcliffe. Como fariam uma entrevista, achei por bem mostrar a eles uma, para que observassem a forma composicional do gênero.

- Passo 2: Como disparador, contei aos alunos a história da música Eu, da banda Palavra Cantada. Para contar fiz slides com desenhos meus e, depois, passei a música. Passei as orientações do trabalho (anexo).

- Passo 3: Leitura e interpretação de trechos dos livros *Anarquistas graças a Deus*, de Zélia Gattai e *Transplante de menina*, Tatiana Belinky.

Obs.: Como estipulado na descrição do trabalho entregue aos alunos, eles precisariam explorar a região de onde vieram seus antepassados. Nesse momento gostaria de ter feito uma parceria com o professor de Geografia, como já fiz em anos anteriores. No entanto, o professor daquele ano não era dado a trabalhos interdisciplinares. Por isso eu mesma fiz as orientações sobre os mapas e o que seria importante os alunos pesquisarem sobre a região de seus antepassados.

- Passo 4: Entrega do trabalho.

- Passo 5: Devolutiva aos alunos. Esse foi um dos momentos mais ricos do processo. Como fiz uma correção minuciosa dos trabalhos e utilizei critérios bem definidos, senti que os alunos compreenderam suas notas e em que precisariam melhorar.

Competências e critérios para a análise da entrevista

I Registro: Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita, além de respeitar as regras estabelecidas para a organização do trabalho, como capa e demais segmentos.

II Tema: Compreender a proposta do trabalho e desenvolver o tema da entrevista de modo a criar uma narrativa consistente.

III Gênero: Demonstrar domínio sobre as partes constituintes da entrevista (título, introdução, destaque aos nomes do entrevistador e entrevistado).

IV Multimodalidade: Organizar o texto de forma lógica e produtiva, demonstrando conhecimento dos mecanismos necessários para sua construção, incluindo o mapa, a receita e os demais recursos utilizados pelo aluno para compor o texto multimodal.

Antes da correção, li para as turmas as instruções do trabalho que eu havia entregado a eles e frisei aspectos importantes que muitos deixaram passar despercebidos. Depois li com os alunos os critérios estabelecidos para a correção do trabalho, explicando cada item (acima). Pedi para que eles imaginassem a nota que tiraram em cada item e entreguei o trabalho corrigido. Curioso como eles são mais rigorosos com a correção do que eu. Por fim, li para eles duas entrevistas que ficaram muito bem escritas e que cumpriram as instruções (anexo 1).

Outro ponto importante desse capítulo é que ele serviu de tema para uma exposição sobre a família organizada pela escola meses depois dessa produção, em novembro de 2017. Junto aos alunos, decidimos que o melhor recorte que poderíamos fazer a respeito do capítulo e que seria sucesso em uma exposição seria o das receitas de família, parte da composição do capítulo. A ideia era que alguns alunos fizessem a receita de suas famílias e levassem para que as pessoas que visitassem a exposição comessem. Também organizaram uma árvore com as fotos dos familiares e fizeram cartazes com os mapas das origens das famílias (anexo 2).

Importante relatar que no dia da exposição eu estaria em um congresso apresentando minha pesquisa de mestrado e os alunos estariam sozinhos. Comuniquei à direção da escola, que os ajudou na compra de material para montar a sala, bem como copinhos e pratinhos necessários para servir os convidados; e pedi ajuda a dois colegas professores para que acompanhassem os alunos nesse dia. Os alunos se organizaram

em equipes, uma parte foi às sete horas da manhã para mostrar a exposição que começaria às nove, outra ficou responsável pela apresentação e outra pela limpeza. Já às dez da manhã, recebi uma mensagem da diretora da escola elogiando o trabalho, a autonomia dos alunos, a destreza com que apresentavam e o sucesso da exposição. Segundo ela, foram as salas mais visitadas, “está bombando”, disse. Obs.: Durante a digitação desse capítulo, trabalhei com os alunos a importância de situar o leitor quanto ao tempo e espaço das narrativas. Para isso analisamos trechos do livro O menino do espelho, de Fernando Sabino e Antes que o tempo apague, de Rostand Paraíso.

Também conversamos sobre a importância da comparação quando relatamos as histórias dos mais velhos. Para essa reflexão, lemos o conto O lavrador de Pedras, de Manoel de Barros.

- Passo 6: Digitação. Orientei aqueles que precisariam reescrever o texto.

Obs.: Nesse momento achei oportuno trabalhar acentuação gráfica com os alunos, pois percebi que não acentuavam seus textos, mesmo aqueles que apresentavam melhor proficiência.

Capítulo 5: Minha família

- Passo 1: Relato do educador sobre sua família (membros, manias, histórias, travessuras entre irmãos); relato oral dos alunos.

- Passo 2: Produção do texto.

- Passo 3: Produção de árvore genealógica que serviria de ilustração.

Capítulo 6: Minha escola

- Passo 1: Disparador: O que a escola nos lembra? Conversa sobre aspectos positivos e negativos da escola, o que seria a escola ideal, o que a escola precisa melhorar, o que podemos fazer para melhorá-la.

- Passo 2: Passeio com os alunos pelas dependências da escola (descrição).

- Passo 3: Produção do texto.

Capítulo 7: A história e eu

- Passo 1: Filme Forrest Gump: o contador de histórias. O objetivo desse capítulo foi levar os alunos a refletirem que a história do Brasil e do mundo não está apenas nos livros de história, faz parte também de quem somos. No filme citado, a personagem relata suas memórias relacionando-as às histórias dos EUA, e seria essa a proposta para o capítulo. Para isso contei com a parceria do professor de História, que ajudou os alunos na busca por esses fatos e na compreensão de como eles influenciam nossa percepção de nós mesmos.

- Passo 2: Levantamento de fatos históricos ocorridos no Brasil e no mundo, que aconteceram durante a vida dos alunos (professor de História).

- Passo 3: Pesquisa na internet.

- Passo 4: Escolha pelos alunos de alguns fatos históricos que coincidiam com episódios importantes de suas vidas.

- Passo 5: Linha do tempo (professor de História) e produção do texto.

Capítulo 8: Meu futuro

- Passo 1: Disparador: Refletir sobre: imagine-se daqui a 15 anos; conversa sobre o futuro, os desejos, os sonhos.

- Passo 2: Leitura dos textos produzidos pelos alunos do ano anterior.

- Passo 3: Produção do texto.

Obs.: Como esse capítulo demanda mais subjetividade, propus que o fizessem em forma de poema. Essa produção demandou algumas atividades para auxiliá-los. Produção do título, dedicatória e índice.

Produto final: impressão, ilustração, capa.

Considerações finais

Observações: Apesar das orientações para as produções dos capítulos terem se dado de forma linear, cada aluno produziu seus textos de acordo com seu ritmo, grau de dificuldade e motivação para escrever mais e melhor. As orientações de escrita, tanto temáticas quanto de estrutura da língua, se deram no decorrer do processo. Fiz muitas orientações individuais, tanto para aqueles com grau maior de dificuldade para transformar suas histórias em textos, como para aqueles que, já dominando a escrita, poderiam buscar um estilo.

Houve a necessidade de adaptar a atividade para um dos alunos com Deficiência Intelectual. Ele preferiu fazer manuscrito em forma de histórias em quadrinhos.

Confesso que a maior dificuldade desse projeto foi a correção. Foram cento e vinte e oito livros escritos, cada um com oito textos. Muitos alunos escreveram mais de cinquenta páginas. Demorei cerca de dois meses para finalizar as correções. Outra problemática da correção é que muitos alunos não dominam os recursos necessários para formatar os textos. Observando isso, durante a digitação expliquei várias ferramentas do documento que usavam. Ainda assim, muitos dos textos precisaram ser formatados novamente.

Imprimi os livros em casa, mas a escola me forneceu não só as folhas sulfites, como todos os materiais necessários para a confecção das capas.

Durante o período de correções, me emocionei especialmente com o livro de um dos alunos. Estávamos em HTPC (hora de trabalho pedagógico coletivo) quando a orientadora da escola falou aos professores sobre as atuais condições de um de nossos alunos.

Estava fora de casa havia três dias, sem banho, sem comida, sem nada. Os pais haviam saído para usar drogas, trancaram a garagem onde moravam e levaram a chave. André não participava das aulas, embora fosse nítido para todos os professores a sua capacidade cognitiva. Era esperto. Das poucas vezes que dava o ar da graça, sempre oralmente, demonstrava maturidade na análise das questões. Ia bem nas provas, mas não fazia nada além disso. Às vezes dormia, baixava a cabeça e era um aluno que eu sempre pegava no pé, me incomodava o desleixo com que ele tratava as atividades da aula. No dia desse comunicado da orientadora, fui corrigir seu texto. Estava corrigindo os de outra sala, mas quis antecipar essa leitura. Esperava que ele tivesse entregado o que correspondia à sua postura nas aulas, algo que demonstrasse seu desinteresse e apatia: talvez alguns textos com poucas linhas. Surpreendi-me. Ele havia escrito muito bem sua triste história. E com qualidade literária! Outros alunos contaram histórias tristes, mas a de André

consegui me arrancar lágrimas. Nesse momento senti o quão importante é sabermos as histórias de nossos alunos. Embora a escola não tenha ferramentas necessárias para resolver situações como a de André, precisa ter, no mínimo, empatia. Pensei também que o projeto não poderia morrer no dia da exposição final, que esses bons resultados poderiam servir para elevar a autoestima de alunos como ele.

Conversei com a direção da escola e decidimos fazer uma premiação para os melhores livros. Foram doze premiações: cinco intituladas “escritor revelação” e sete menções honrosas (anexo 3 - um livro finalizado). A diretora da escola, apoiadora do projeto desde o início, financiou com verba da APM livros para os cinco “escritores revelação”. Marcamos o dia da apresentação e chamamos os pais. A avó de André foi. Nesse momento ele já estava morando com ela. Foi emocionante, mesmo para mim que prefiro trabalhar nos bastidores (anexo 2).

Ainda fizemos a apresentação de todos os livros para a comunidade no dia da “feira cultural da escola”. Cada grupo de alunos ficou responsável por montar um painel a respeito de cada capítulo (anexo 2).

O projeto foi desenvolvido durante todo o ano letivo e se intensificou no segundo semestre.

Avaliação

Aprendizagem

O projeto que aqui apresento apoia-se na ideia de que, para o sucesso no trabalho com a escrita, é imperativo considerar o gosto dos alunos, envolvê-los no prazer do ler e do escrever, embrenhá-los na consciência do poder da linguagem. Nesse sentido, reconhecer que os alunos são sujeitos pensantes, que sentem desejos e que têm preferências, é fundamental para a execução do projeto. Assim, há de se considerar o caráter humano dessa proposta, uma vez que os discursos proferidos pelos alunos são carregados de ideologias, de desejos, de escolhas e partem de uma determinada situação, de um contexto: sala de aula, aula de Língua Portuguesa, escola Sebastião, Praia Grande, e trazem um mundo de outros contextos: de suas famílias, suas vivências, suas outras aulas de Língua Portuguesa. Aqui as múltiplas vozes precisam ser ouvidas e respeitadas.

Pensando que essa premissa relaciona-se ao cerne do projeto, qual seja, o de criar um ambiente real de prática de escrita, favorecendo que os alunos se sintam sujeitos, para assim colaborar com o desenvolvimento de suas habilidades escritoras e no progresso de suas produções, avalio o projeto satisfatoriamente. Inclusive, achei que aplicá-lo no oitavo ano o fez ainda mais rico do que quando aplicado no sexto, principalmente pela maturidade de reflexão dos alunos.

Quanto às produções finais dos alunos, avaliei o seguinte:

- Envolvimento na realização das etapas do projeto: pesquisa em casa, participação na organização das três exposições (lembranças do nascimento, receitas de família e feira cultural), digitação no prazo e empenho na confecção da capa e ilustração do livro.

- Avanço nas produções: melhora nas habilidades escritoras foram percebidas na maioria dos alunos, tanto no aprimoramento da linguagem, quanto na progressão temática. Uma das alunas, quando pedi para que, antes de me entregar, lesse na íntegra seu livro e fizesse as últimas modificações, comentou que achara seu primeiro texto parecendo o de uma criancinha, “como eu escrevia mal, professora!”, disse estupefata. Esse comentário mostra como o trabalho intenso com a escrita colabora para a proficiência e para uma autopercepção de escrita. Essas revisões feitas pelos alunos em seus textos, tão caras às aulas

de Língua Portuguesa, já demonstram por si só uma compreensão de que habilidades escritoras são diferentes das da fala, uma das quais, a reflexão sobre a própria escrita.

- Qualidade literária dos textos: avaliei se os alunos foram capazes de criar narrativas que atingissem a dimensão artística, que envolvessem o leitor e que fugissem do senso comum. Um dos itens observados foi a ampliação do uso conotativo da linguagem. Os alunos premiados mostram que esse objetivo foi atingido. No entanto, boa parte dos alunos escreveu textos pouco literários, mais protocolares. Creio que para muitos seja uma habilidade difícil de alcançar. Um aluno, quando da entrega dos livros impressos, lendo o da colega, disse: “Professora, o meu parece que falta alguma coisa no jeito de escrever para virar assim... um livro.” Não parece literário. Embora ele não tenha atingido essa qualidade em seu texto, sua percepção já demonstra que o olhar ficou mais apurado e crítico. Senti que faltaram bons exemplos para esses. Numa próxima aplicação, pretendo analisar mais textos de autores consagrados junto aos alunos, e trabalhar, concomitantemente, uma obra na íntegra.

Dos 131 alunos daquele ano, apenas três não realizaram a atividade. Nesse sentido, posso dizer que houve adesão à proposta. E afirmo, com certeza, que suas evoluções andaram concomitantemente aos seus envolvimento. Considerações finais dos alunos (esses comentários serviram ao posfácio de seus livros):

Mano, fazer esse livro foi ótimo para mim (talvez para alguns leitores também), foi uma honra participar desse projeto. Lembre-se: a sua vida pode estar um lixo, mas sempre terá uma pessoa pra te ajudar, contar pode ser a solução correta. Ninguém sabe o que você passou.

Foi muito “da hora” escrever esse livro. Nunca achei que conseguiria fazer tal coisa. Até que eu gostei do processo, apesar de ter dado trabalho, o meu prazer por escrever e por poder aproveitar de novas experiências, compensaram todo o esforço que tive. Acho que aprendi com o projeto, pude desenvolver minha escrita e meu jeito de me expressar. Pretendo escrever uma autobiografia quando crescer, e usar esse livro para ir complementando. Obrigada, por você que leu. Espero que tenha gostado

Para começar, eu odeio escrever, mas o engraçado é que eu amo criar histórias, então contar sobre a minha foi legal, emocionante, meio chato às vezes, cansativo etc. Eu particularmente amo lembrar da minha infância e as coisas que eu fazia e aprontava. Sua infância foi um dos capítulos que mais gostei de escrever pois lembro de muitas coisas. Foi uma coisa nova e maravilhosa, amei usar os nets, foi ótimo. Espero ter outras experiências como essa.

Eu adoro ler diversos tipos de livros, e quando começamos a fazer um livro, que podemos compartilhar e reviver essas histórias com vocês, fiquei super animada, pois gosto desse tipo de projetos, além de aprimorarmos nosso contexto e conhecimento, vocês irão descobrir histórias e desvendar aquilo que é um pesadelo em sua vida, o que você sofre só de pensar. Depois do projeto, toda minha escrita mudou, sinto que consigo me expressar e demonstrar tudo o que senti com apenas palavras e frases. Me sinto orgulhosa por poder ter conseguido passar minha mensagem.

Com esse projeto da professora Raquel, Minhas Memórias, pude esclarecer muito mais sobre quem eu sou e quem eu espero ser, pude ver também que muito da minha personalidade apareceu na história dos meus antepassados e que eu pareço muito mais com eles do que eu imaginava. A experiência de trabalhar criando um livro foi o máximo, precisei de muita dedicação e inspiração para criar os melhores textos e também muita disciplina para entregá-los dentro do prazo, e ainda usar nets que são novidade, pelo menos aqui na escola, além do trabalho gostoso que tive de escrever, todos os textos tiveram ainda as

ilustrações que foram, apesar de trabalhosas, muito divertidas de produzir, enfim só tenho a agradecer à professora Raquel, que junto com o projeto ficarão para sempre na minha mente e no meu coração.

Adorei participar, evoluir minha escrita e, para mim, estou muito melhor agora do que antes (estou acentuando melhor, até ajudei meus amigos a escrever os deles). Também descobri muito da origem da minha família, coisas que nem eu sabia e só estou descobrindo agora. Agora sei como meus avós se conheceram e um pouco da vida deles. Gostei de fazer no net, foi até mais fácil, uma coisa diferente.

Foi muito bom participar deste projeto, pois me fez pensar mais sobre alguns momentos da minha vida. Estou envergonhado de olhar o meu e comparar com as capas e textos dos outros amigos, foi feito de todo o meu coração.

Eu gostei do projeto e confesso que me arrependi de não escrever algumas coisas, mas a vida é a vida! Eu acabei descobrindo nada novo por que ao longo da minha pequena vida, meus pais me contavam TUDO, e escrever esse projeto foi muito legal em todas as partes.

Foi muito trabalhoso fazer este livro, mais de 2 meses pensando, escrevendo, mas foi a coisa mais legal que eu já fiz na escola".

Reflexão

Desculpem o clichê, mas sou suspeita para falar do sucesso desse projeto. Já o aplico há mais de dez anos, fazendo adaptações aqui e acolá. E afirmo: sempre dá certo. A única ressalva que faço: é necessário haver computadores na escola e que os livros sejam impressos. Fora isso, outras adaptações são bem-vindas. É possível inserir outras temáticas, outros capítulos, outras investigações. Já pensei em acrescentar o capítulo "O eu político ou o eu cidadão", para desenvolverem essa ideia tão pouco aprofundada nessa idade. O que é preciso para que o projeto seja um sucesso é aquilo que também esperamos deles: envolvimento. As experiências e repertório cultural de docentes que desejam aplicar esse projeto devem aparecer, pois falamos melhor daquilo que gostamos.

A maior dificuldade: a correção, embora esse problema possa ser minimizado com algumas estratégias, como leituras compartilhadas ou troca de livros entre colegas. Passada essa dificuldade, a aplicação desse projeto gerará não apenas uma evolução na produção escrita dos alunos, como uma elevação de suas autoestimas. Vê-los orgulhosos do trabalho finalizado não tem preço. E digo mais, as famílias ficam muito gratas, as mães amam a recordação que terão dos filhos. Passei a ser mais querida pelos pais depois desse projeto, pois as famílias se sentem representadas nele.

Importante mencionar que o trabalho específico sobre as famílias gerou muitos debates com as turmas, pois, como se sabe, é comum em nossa época outras configurações familiares; e falar sobre isso, compartilhando essas vivências, colabora para que os alunos percebam que cada família é única e toda experiência é válida. Curiosamente, quando do trabalho com o capítulo 4, origem da minha família, muitos alunos relataram dificuldades na realização da entrevista com membros paternos, uma vez que não conviviam com essa parte da família, nem mesmo com o pai. Em uma das turmas, surpreendentes 80% dos alunos não conviviam com suas famílias paternas. Foi um dado assustador que gerou reflexões da turma a respeito do papel do homem na sociedade. Discussões como essa enriquecem o trabalho, uma vez que criam percepções novas de si e do entorno. E o professor que deseja aplicar esse projeto precisa ter a sensibilidade de perceber essas particularidades de sua comunidade.

Por fim, saliento: vale a pena.